

# Um Dualista Desafortunado

Raymond M. Smullyan

Era uma vez um dualista. O dualista acreditava que a mente e a matéria são substâncias separadas. Como interagiam ao certo ele não fingia saber — este era um dos «mistérios» da vida. Mas estava certo de que eram substâncias de todo em todo separadas.

Este dualista, infelizmente, levava uma vida insuportavelmente dolorosa: não por causa das suas crenças filosóficas, mas por razões bastante diferentes. E tinha sólidos indícios empíricos de que não sentiria alívio pelo resto da sua vida. Não desejava senão morrer. Mas abstinha-se do suicídio por razões como: 1) não queria magoar outras pessoas com a sua morte; 2) receava que o suicídio fosse moralmente errado; 3) receava que pudesse haver vida depois da morte e não queria arriscar a possibilidade do castigo eterno. Assim, o nosso pobre dualista andava muito desesperado.

Foi então que veio a descoberta de um medicamento milagroso! O seu efeito no utilizador era o de aniquilar completamente a alma ou a mente mas deixar o corpo a funcionar *tal qual* antes. O utilizador não experimentava em absoluto qualquer mudança observável; o corpo continuava a agir como se ainda tivesse uma alma. Nem o amigo ou observador mais próximo poderia porventura saber que o utilizador tomara o medicamento, a menos que o utilizador o informasse.

Acredita o leitor que tal medicamento é impossível em princípio? Pressupondo que acredita na sua possibilidade, tomá-lo-ia? Considerá-lo-ia imoral? É essencialmente o mesmo que o suicídio? Há algo nas Escrituras que proíba o uso de tal medicamento? Certamente, o *corpo* do utilizador poderá ainda cumprir todas as suas responsabilidades na terra. Outra questão: Suponha que o seu cônjuge tomava esse medicamento e que o leitor sabia. Saberá que ela (ou ele) já não tinha alma mas agia exactamente como se a tivesse. Sentiria menos amor pela(o) companheira(o)?

Regressando à história, o nosso dualista ficou, obviamente, encantado! Agora podia aniquilar-se a si próprio (isto é, a sua *alma*) de um modo que não o sujeitava a qualquer das objecções anteriores. E assim, pela primeira vez em anos, foi para a cama descansado, dizendo: «Amanhã de manhã vou à farmácia comprar o medicamento. Finalmente acabaram os meus dias de angústia!» Com tais pensamentos, adormeceu tranquilo.

Eis que neste momento aconteceu algo curioso. Um amigo do dualista, que conhecia o medicamento e sabia da angústia do dualista decidiu acabar com o sofrimento do seu amigo. De modo que a meio da noite, enquanto o dualista dormia profundamente, o amigo entrou-lhe furtivamente em casa e injectou-o com o medicamento. Na manhã seguinte o corpo do dualista acordou — de facto sem qualquer alma — e a primeira coisa que fez foi ir à farmácia comprar o medicamento. Levou-o para casa e, antes de o tomar, disse, «Agora serei livre». Tomou-o então e esperou que passasse o intervalo de tempo prescrito para o medicamento funcionar. Findo esse tempo, o dualista exclamou irritadamente: «Maldição, isto não ajudou de todo em todo! Continuo a ter obviamente uma alma e sofro tanto como antes!»

Não será que tudo isto sugere que talvez haja algo *um tanto ou quanto* errado com o dualismo?